

Opinião



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com



VÍTOR AGUIAR E SILVA

OS DIAS DA SEMANA

Davos, a Europa e o cuidar da alma

Davos é, no final dos meses de Janeiro, durante alguns dias, o palco onde se exibem líderes mundiais e outros famosos, que, anualmente, vão à Suíça participar no Fórum Económico Mundial. O ensaísta e filósofo Rob Riemen é um dos que não aprecia o encontro. Num breve e estimulante ensaio intitulado *O regresso da princesa Europa* (Lisboa: Bizâncio, 2016), considera que “se há lugar onde o espírito europeu não é e nunca será bem-vindo, esse lugar é Davos”. O que aí se passa após a chegada do mundo empresarial internacional, da elite política e da comunicação social é assim descrito: “As reverberações de palavras vazias, a grandiloquência, o ruído, uma obsessão com o dinheiro e a tecnologia, a idolatria [...] do Grande Número, o vazio intelectual, o analfabetismo cultural”. Nada disto tem préstimo numa Europa desalmada.

A essência da Europa não é a política, a economia ou a tecnologia, mas a cultura, julga Rob Riemen.

“Necessitamos de Voltaire na cimeira de Davos”, dizia um título nas páginas de cultura do diário *El País* de quinta-feira. Rob Riemen julgará preferível que a Europa se reencontre em Sils Maria, outra localidade suíça – que alguns conhecerão por causa de um filme recente de Olivier Assayas, com Juliette Binoche, Kristen Stewart e Chloë Grace Moretz nos papéis principais – que atraiu romancistas, poetas, pintores e músicos, como, por exemplo, Marcel Proust, Thomas Mann, Rainer Maria Rilke, Paul Celan, Marc Chagall, Yehudi Menuhin e até Anne Frank, quando criança. É em Sils Maria que começa o ensaio, aproveitado para fazer uma apologia da alma e do seu cuidado. Este zelo é o que define os europeus, afirma Rob Riemen, citando o seu mestre Jan Patočka, um proeminente intelectual checo.

“A posse de uma alma significa que os seres humanos são as únicas criaturas plenamente conscientes da sua própria vulnerabilidade, da sua

mortalidade. É essa a ansiedade fundamental que qualquer homem ou mulher sente. Ao mesmo tempo, é às nossas almas que temos de agradecer a nossa grandeza, porque nos permitem conhecer o absoluto, o eterno, o que não é transitório: a verdade, o bem, a beleza, o amor, a justiça. *Ecce homo*”. Para Rob Riemen, a grandeza dos seres humanos encontra-se na capacidade que têm para irem, com o tempo, incorporando estes valores espirituais, que são eternos.

O reverso da elevação que a alma proporciona encontra-se no “palavreado dos *media*”, na “conversa oca dos políticos”, no “discurso de vendas do comércio”, no “jargão vazio dos académicos”. “Tudo isso, literal e figurativamente, nada diz”. Tudo isso “é desprovido de significado”.

O que importa é “o cuidar da alma, a capacidade de dar ao eterno um lugar no tempo”. Esse trabalho “dá-nos a todos a capacidade de nos erguermos acima de nós próprios, de darmos o melhor de nós, de nos transformarmos, e de darmos à verdade e à justiça uma morada neste mundo”. A essência da Europa não é a política, a economia ou a tecnologia, mas a cultura, julga Rob Riemen. Acrescenta ele que ser europeu significa também “lutar por uma sociedade europeia humanista em que o que é central na educação não é o indivíduo mas a ideia do ser humano – principalmente nas universidades onde os jovens podem adquirir uma consciência cultural e moral, onde se cultiva a alma humana de modo a que as pessoas se tornem moralmente maduras e sejam guiadas na sua sociedade por um desejo de verdade e justiça”. Mas – “*ecce mundus*” – a Europa “não passa de uma União Económica em que os termos ‘alma’, ‘cultura’, ‘filosofia’ ou ‘viver em verdade’ são tão impossíveis como uma palmeira na Lua”.

“Em vez de cultivar a alma assistimos ao renascimento do nacionalismo, à trivialidade da tecnologia, à vulgaridade do comércio e à estupidéz cultivada pelos *media* e pelas universidades”, diz Rob Riemen, explicando que “só isto, o cuidar da alma – o desejo que a alma tem de ser alimentada pela verdade e pela justiça e de viver num mundo verdadeiro e justo – só isto pode ser a bitola, a linha orientadora para um mundo que quer ser civilizado”. A explicação é, evidentemente, também, uma proposta.

A violência doméstica

Nos últimos anos, tem aumentado de modo alarmante, em Portugal e noutros países do mundo dito civilizado – na vizinha Espanha, por exemplo –, o número de mulheres assassinadas ou gravemente feridas pelos seus cônjuges ou «companheiros» (denominação lata que abrange os maridos, religiosa ou civilmente casados, e os homens com os quais as mulheres vivem maritalmente ou em união de facto).

Os crimes da chamada «violência doméstica» que ressaltam nas manchetes dos jornais, das televisões e das rádios, representam as manifestações mais graves e mais chocantes da profunda crise que afecta grande parte das famílias dos países europeus – ou, mais alargadamente, dos países ocidentais – e cujas causas são de ordem religiosa, moral, social e económica. As medidas de natureza jurídica e jurisdicional e a acção das instituições vocacionadas para a defesa e o apoio às vítimas de violência doméstica são instrumentos indispensáveis no combate a este trágico flagelo das sociedades contemporâneas, mas não podem modificar substancialmente as causas deste drama social.

Em todos os tempos houve nas famílias conflitos conjugais, traições e infidelidades, ciúmes mórbidos, torturas psicológicas e violências físicas. As vítimas destes conflitos, para além dos filhos, foram quase sempre as mulheres, em regra olhadas com suspeição pelos poderes religiosos, desprotegidas pelo direito, vulneráveis economicamente, condenadas ao silêncio pela censura social e pela sua submissão ao poder patriarcal. A mulher foi a grande muda da história praticamente até aos fins do século XIX, com direitos políticos nulos ou restringidos, culturalmente marginalizada, excluída da frequência das Universidades, sem preparação para o exercício de uma profissão. Houve algumas excepções, pertencentes aos estratos mais elevados da sociedade, que foram intelectuais e até politicamente relevantes e influentes – no Renascimento italiano e no «século» de Luís XIV, por exemplo –, mas a subalternidade social e cultural da mulher, a sua incapacidade de exprimir publicamente os seus sonhos, as suas aspirações, os seus desejos e os seus sofrimentos, foram a sina da mulher até ao século XX, sob o império opressivo das sociedades androcêntricas.

Todavia, desde o final da segunda guerra mundial, graças sobretudo aos movimentos feministas que se constituíram nos Estados Unidos da América, teve lugar a mais importante e influente revolução do mundo contemporâneo – a revolução da mulher, da mulher que deixou de ser a subalterna passiva, a que fora condenada durante séculos, para se tornar, pela sua inteligência, pela sua criatividade, pela sua imaginação e pela sua sensibilidade, a parceira e a concorrente do homem na educação, na ciência, na justiça, na política, nos negócios, etc. Uma revolução que alterou irreversivelmente a dinâmica de todo o mundo.

Os crimes de violência doméstica constituem a herança monstruosa de um passado arcaico em que o homem reduziu a mulher à submissão e ao silêncio. As Igrejas e as escolas, mais do que os códigos penais, os juízes e as autoridades policiais, é que têm de ensinar aos homens de todas as classes e de todas as culturas a compreender e a respeitar a liberdade e a dignidade da mulher.

O autor não escreve segundo o chamado «acordo ortográfico»